

**APRENDENDO A LER COM PRAZER: OFICINAS DE LEITURA E ESCRITA UMA PROPOSTA
METODOLÓGICA DINÂMICA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Leonardo Soares Ferreira- ufma

Kátia Silene Ferreira França- Depto de ciências
da educação- ufma

*Instituição de Fomento: capes /CNPq/PIBID/UFMA/ campus de São Bernardo-
Ma Experiências e/ou práticas de ensino-aprendizagem (submetido por
Estudante de Graduação, integrante de programa institucional de iniciação à
docência) Palavras-chave: Leitura,, produção textual, mundo social*

INTRODUÇÃO:

O trabalho aborda as experiências pedagógicas e metodológicas que foram empregadas acerca da produção textual que ora se realiza na Escola Municipal I.E Cônego Nestor de Carvalho Cunha, situado na cidade de São Bernardo-Ma, é imprescindível citar que o total de alunos matriculado na escola é de 1.268,as atividades pedagógicas propiciou aos discentes a oportunidade de realizarem efetivamente vários tipos de leitura com produções textuais de gêneros diversos. Analisou-se que as práticas de leitura e escrita, desenvolvidas ao longo do ano letivo contribuíram substancialmente para uma mudança de atitudes dos alunos diante da leitura e da escrita. Pois vale frisar que o fato que nos motivou a propor metodologias inovadoras ao Colégio objeto da pesquisa, foi devido a nota de língua portuguesa ter sido baixíssima no último IDEB nota 2,4, portanto diante do índice negativo adotamos metodologias que enfatizam prioritariamente, sobre o trabalho textual, onde se levou em consideração a realidade concreta dos alunos, pois os textos adotados foram ponto de partida do processo de ensino/aprendizagem da língua, que tem como objetivos

básicos a formação de leitores capazes de analisar, interpretar, contextualizar a realidade e conseqüentemente de transformar seu meio social.

A metodologia do trabalho está baseada na teoria Bakhtiniana das relações da linguagem como um constante processo de interação mediado pelo diálogo e não apenas como um sistema autônomo. Segundo essa concepção, a língua só existe em função do uso que locutores (quem fala ou escreve) e interlocutores (quem lê ou escuta) fazem dela em situações (prosaicas ou formais) de comunicação. O ensinar, o aprender e o empregar a linguagem passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos. Esse sujeito se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. A língua comporta uma realidade por demais abrangente, sendo necessária a consideração dos aspectos extralinguísticos que constituem um enunciado. A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social (Bakhtin, 1999).

Na busca de traçar e compreender a história de leitura dos alunos da escola Pública Municipal Cônego Nestor de Carvalho Cunha, da cidade de São Bernardo do Maranhão é que buscamos, nesta pesquisa, identificar de que forma o ato de ler com frequência (ou não), a posse (ou não) de suportes textuais, a influência familiar ou outros fatores não presumidos inicialmente poderiam interferir (ou não) na relação destes alunos com a leitura. Buscávamos, investigando as práticas de leitura, dimensionar a importância da leitura no meio social, escolar e individual, refletindo a respeito do suporte material de leitura e procurando conhecer e analisar os repertórios e as práticas de leitura a partir da formação escolar e familiar; aprofundando, assim, o conhecimento sobre as práticas de leitura, a circulação de textos e suas possíveis implicações na vida dos pesquisados. Bakhtin (2003) afirma que todas as visões são determinadas pelo posicionamento do sujeito no espaço e no tempo. Um indivíduo sempre vê o que está fora do campo de visão de um outro. Isso significa dizer que no campo de visão de um sujeito há sempre algo que não é possível ser alcançado por sua visão, devido à sua localização no espaço. Este espaço não preenchido pela visão do sujeito é o excedente de visão que só pode ser preenchido pela posição de um outro sujeito no espaço. Portanto, aquilo que é inacessível ao olhar de uma pessoa é preenchido pelo olhar de outra pessoa. Ao campo espacial adicionamos a perspectiva temporal, pois cada sujeito histórico habita uma determinada experiência temporal que também irá marcar profundamente o modo como percebe o presente, o passado e o futuro.

Deste modo, Bakhtin sugere que cada um de nós precisa e necessita irremediavelmente do outro, e que esta condição essencialmente autoritária do outro em relação a mim é fundamental para a experiência humana na sua plenitude, encaminhando uma compreensão cada vez mais aperfeiçoada da nossa cultura e de nós mesmos. Nesta perspectiva de análise, a distância espaço-temporal entre as gerações e os profissionais da área que discutem este assunto passou a ser um encaminhamento promissor, posto que a dimensão autoritária entre as visões dos pais, do aluno e de nós pesquisadores sobre um mesmo objeto, enriqueceu nossas possibilidades de compreensão do objeto em questão, a leitura. Além disso o papel de pesquisador busca ocupar esse espaço em relação aos seus pesquisados.

Para unir os dados encontrados ao que já vinha sendo estudado nos últimos anos a respeito da leitura recorreremos a uma pesquisa de intervenção onde se procurou trabalhar com oficinas de leituras diversas, textos também diversificados que englobou estudos apresentados nos resultados avaliativos contínuos que fazemos dão ensino aprendizagem dos alunos. Os dados obtidos na pesquisa de intervenção foram diagnosticado um grande déficit de leitura dos alunos. Outrossim durante as discussões um dos objetivos do projeto é fazer com que os alunos adquiram o hábito da leitura, pois é através do contato com os livros e vários gêneros textuais que o individuo passará a reinterpretar o mundo de outra forma. Considerado por nós pesquisadores como relevante para a análise a qual nos propomos.

Assim, após esclarecermos nossos posicionamentos em relação ao leitor, letramento e leitura, seguimos com o percurso teórico-metodológico, considerando os estudos de Bakhtin, Bourdieu e Lahire e após traçarmos todo o caminho do trabalho de campo passamos às análises do que foi observado, onde traçamos um diálogo entre o observado e o que já foi dito a respeito. Após decidir pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental, série em que se presume que o estudante já tenha tido contato com diversos tipos e gêneros textuais, Partindo do pressuposto recorrente em avaliações, principalmente de que os alunos não se sai bem nas matérias porque não sabe ler, buscamos identificar os melhores rendimentos e os rendimentos suficientes. De início o que era buscado envolvia o fato da leitura influenciar no rendimento escolar, mas com o decorrer da pesquisa e das orientações este foco foi sendo deixado de lado, embora mantivéssemos o critério de escolha. Sabemos que há certa arbitrariedade na tradução das formas e das normas de excelência em provas, questões, problemas e tarefas destinadas a manifestar "objetivamente" os conhecimentos, as capacidades ou as competências dos alunos.

A confecção de tabelas e a determinação do limiar que separa os alunos com desempenho satisfatório daqueles com desempenho insatisfatório, ou ainda, como utilizamos aqui, que são os satisfatórios e os suficientes para passar são, por sua vez, o resultado de decisões tomadas em função da necessidade de selecionarmos os alunos que participariam da pesquisa. Procuramos quantificar os resultados ponderando e combinando de certa maneira os resultados obtidos em diversas provas do ano anterior, o que não nos dá certeza do andamento escolar do aluno em anos anteriores ou, ainda, os posteriores e a real situação de aprendizagem deste aluno. Foi uma escolha entre

outras que poderíamos ter feito, como, por exemplo, a indicação de uma escolha aleatória já que se trata de verificar práticas de letramento, visitas à biblioteca ou outra qualquer. O fato de termos decidido pelos melhores rendimentos e os suficientes para passar foi simplesmente para que descartássemos de início aqueles possíveis alunos desinteressado por qual motivo fosse. Apesar da possível arbitrariedade estamos corroborando a competência da instituição escolar em avaliar.

A pesquisa assume os pressupostos de Bakhtin e Bourdieu que negam o caráter autônomo do sujeito individual. Cada indivíduo passa a ser caracterizado por trajetória historicamente construída, ou uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado, certos componentes objetivos, externos ao indivíduo, e que podem ser postos a serviço do sucesso escolar. Fazem parte dessa primeira categoria o capital econômico, tomado em termos dos bens e serviços a que ele dá acesso, o capital social, definido como o conjunto de relacionamentos sociais influentes mantidos pela família, além do capital cultural institucionalizado, formado basicamente por títulos escolares. Consideramos o sujeito dialógico, posto que, sua subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa.

O indivíduo se constitui como sujeito e se insere na história como ser genérico nesse processo de subjetivação-objetivação. Isso, no entanto, não se dá de forma idêntica de sujeito para sujeito, varia quantitativa e qualitativamente, em função de múltiplas determinações como momento histórico, referências culturais, posição do indivíduo no interior das relações sociais etc. A intervenção da subjetividade na objetividade pode ser mais ou menos consciente, ou seja, o processo de constituição do sujeito se dá de forma heterogênea, mediante diferentes tipos de mediações e diferentes níveis de consciência. Essas formas de manifestação da consciência não são idênticas; variam de acordo com as relações sociais que o indivíduo estabelece e seu grau de clareza é proporcional ao grau de orientação social em que o sujeito se insere. Conforme Bakhtin (2006, p. 119), “quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será seu mundo interior.” A linguagem, assim como a consciência, é um fato social, uma vez que resulta do processo de apropriação-objetivação dos produtos humanos historicamente acumulados. É através da linguagem que os indivíduos se apropriam da realidade e da própria linguagem, de conceitos que lhes permitem entender os fenômenos e agir no mundo.

Essa forma de objetivação se materializa via discurso, e este é, então, o produto das relações do indivíduo com os outros indivíduos. É nesse processo que se constitui o sujeito e as marcas que imprime em seu discurso carregam o histórico e o ideológico das relações que cada sujeito estabelece com o mundo. Nessa perspectiva, o discurso não é pensado como um bloco uniforme, mas como um espaço marcado pela heterogeneidade de diversas “vozes”, vindas de outros discursos, o discurso de um outro (interlocutor) posto em cena pelo enunciador ou o discurso do enunciador colocando-se em cena como um outro. Nesse sentido, o sujeito traz em si todas as vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado, compreendido diferentemente.

O dialogismo vem estabelecer, portanto, uma ruptura tanto com a visão de sujeito fora da inserção social, como com a visão de sujeito assujeitado, submetido ao ambiente sócio histórico. É a partir dessa perspectiva que estudamos nossos sujeitos, constituídos nas práticas sociais concretas, por elas condicionados, mas também capazes de fazer escolhas, não qualquer uma, mas dentro das possibilidades permitidas pela objetividade; capazes de intervir na realidade e essa intervenção será tão mais adequada e eficaz quanto maior for o conhecimento que essa subjetividade tiver da objetividade posta. Partindo da abordagem sócio-histórica apoiada nas idéias de Bakhtin buscou-se a compreensão dos discursos orais dos pesquisados a partir de seu caráter histórico no qual o particular é considerado parte de um todo social. Tendo esta pesquisa como base a relação entre sujeitos, o caráter dialógico entre pesquisador e sujeitos e entre os sujeitos pesquisados é uma parte integrante do processo investigativo que busca inserir e analisar o indivíduo em sua totalidade, articulando dialeticamente todos os dados.

Conforme Bakhtin (2006, p.137) “A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro”.

Para Bakhtin, o homem não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa; nas ciências humanas, o objeto de estudo é o homem, ser que se expressa e fala, e diante dele, o pesquisador não pode se limitar ao ato contemplativo, pois este sujeito tem voz, tendo, assim, o pesquisador, que falar com ele, estabelecer um diálogo. O homem não pode ser apenas objeto de explicação de uma só consciência, de um só sujeito, deve, antes de tudo, ser compreendido e esta compreensão deve ter por base o contexto, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico.

Enquanto Bourdieu concentra-se no estudo da relação entre estruturas sociais e constituição da subjetividade, o círculo de Bakhtin privilegia a natureza social da linguagem. Os autores se aproximam em uma orientação teórico-metodológica voltada para a delimitação e a explicação de seus objetos, elaborando suas teorias numa dialética entre o contexto sócio ideológico do campo intelectual e a compreensão da natureza do seu objeto de estudo. Para refletir sobre os alunos pesquisados na contemporaneidade, no contexto desta pesquisa, foi necessário compreendermos o ser aluno e viver neste momento histórico, neste país e mais especificamente na localidade onde se encontra a escola dos alunos pesquisados, conhecer as estruturas familiares e suas culturas numa sociedade onde percebemos uma multiplicidade de socializações. A escola onde estes alunos estudam pertence à rede Municipal e encontra-se localizado no Município de São Bernardo-Ma, localidade marcada pela carência. É necessário levar em consideração que “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constrói suas deduções interior suas motivações, apreciações, etc.” (BAKHTIN, 2006, p.117).

Se até pouco tempo atrás as sociedades eram mais fechadas e as socializações aconteciam de maneira controlada, pois os alunos ficavam expostos basicamente à socialização realizada pela família; as sociedades contemporâneas são extremamente diferenciadas e possuem pouco controle em relação aos possíveis ambientes de socialização. Os atores sociais, como são chamados por Bourdieu (2007), são socializados, desde pouca idade, em diferentes espaços como a família, a creche ou escola, o grupo de colegas, a televisão, a internet, a rua e as diversas culturas. Iniciamos o primeiro contato com uma entrevista coletiva, esta nos permitiu formular novas questões para uma segunda entrevista coletiva. Com os dados das duas entrevistas em mãos, suas respectivas transcrições e análises, iniciamos a preparação do roteiro das entrevistas individuais, semi-estruturadas, combinando perguntas abertas e fechadas. Estas conversas individuais buscavam conhecer e aprofundar conhecimentos sobre a realidade dos alunos participantes, seus padrões culturais, estruturas sociais e dados que nos levássemos às práticas de leitura.

Lahire (2004) observa que é necessário estudar a dinâmica interna de cada família, as relações de interdependência social e afetiva entre seus membros, para se entender o grau e o modo como os recursos disponíveis (os vários capitais e o habitus

incorporado dos pais) são ou não transmitidos aos filhos. A transmissão do capital cultural e das disposições favoráveis à vida escolar só poderia ser feita por meio de um contato prolongado e afetivamente significativo entre os portadores desses recursos (não apenas os pais, mas outros membros da família) e seus receptores. Esse tipo de contato, no entanto, dada as dinâmicas internas de cada família, nem sempre ocorreria. Iniciamos todas as entrevistas buscando saber o que eles gostam de ler.

As leituras citadas, segundo eles, são realizadas quando há a necessidade de fazer as atividades e trabalhos propostos pela escola, principalmente os que valham notas; e às vezes, só por isso ou quando realmente atinjam seus interesses. Sobre essa mesma temática, Lahire (2002) aponta que os leitores leigos distinguem-se entre si pelos tipos de experiências sociais ao qual são sensíveis. Por não viverem a mesma vida, não terem as mesmas condições sociais de existência, não ter os mesmos itinerários escolares, familiares, amorosos, profissionais ou outros os leitores não têm o gosto pelos mesmos tipos de história. E percebe-se isso ao refletirmos a respeito do material citado por cada aluno. Aquele em que algum familiar frequenta a Igreja tem mais contato com textos religiosos, aqueles em que o pai gosta de esportes tem mais inclinação aos textos esportivos, a aluna cuja madrasta gosta de ler romances, tem por hábito lê-los e etc. Buscando-se investigar a respeito do material que circula e que são utilizados em suas casas foi perguntado quais materiais escritos circulavam entre os familiares residentes na mesma casa.

Consideramos para esta análise os escritos de Kalman (2004) que estabelecem um indicador importante para conhecer os hábitos leitores e as práticas de produção de texto no âmbito familiar como explorar a biblioteca familiar, ou seja, as coleções de impressos que as famílias conservam e usam. Alguns estudos como o de Goulart (2006), Letramento e modos de ser letrado, apontam que vem sendo observado que crianças cujas famílias são letradas e que participam de atos de leitura e escrita desde muito cedo, vendo familiares escrevendo e lendo, ouvindo histórias, chegam à escola conhecendo muitos dos usos e funções sociais da língua escrita. Participam do que Heath apud Kleiman (1995) denomina eventos de letramento: "eventos em que a linguagem escrita é essencial à natureza das interações e aos processos e estratégias interpretativas de seus participantes". Em contrapartida, as crianças oriundas de famílias pouco alfabetizadas, ou não alfabetizadas, isto é, com pouca oportunidade de participação em eventos de letramento, ao chegarem à escola, em sua grande maioria,

entendem que texto escrito é aquele que a escola lhes apresenta, geralmente, textos acartilhados, podendo iniciar-se assim um processo de expropriação, e não de apropriação da escrita.

Dentre os textos citados que circulam nas famílias dos pesquisados, temos os livros, revistas, jornais, gibis e livros escolares como os mais citados pelos alunos. Foram citados pelos pais, mais que pelos alunos, a circulação de bilhetes, anotações diárias, organização dos afazeres em agendas, caderno de receitas e a presença de documentos e propagandas variadas. Lahire (2004) mostra que os escritos domésticos ultrapassam amplamente seu papel cultural imediato para alcançar a organização doméstica, inclusive em sua dimensão econômica, enquanto técnicas comuns de gestão do cotidiano que implicam uma relação com o tempo, com a linguagem e, quase sempre, uma relação com a ordem; participam, assim, de formas de organizações domésticas mais racionais, em que a criança está sendo continuamente socializada. Galvão (2002), buscando saber por meio de que práticas ocorrem o acesso, o contato e a apropriação do material escrito, vai além do ambiente doméstico e escolar, verificando que mesmo entre camadas pouco escolarizadas e associadas ao mundo da oralidade, práticas de letramento eram vivenciadas, independentemente da escola, dos intelectuais ou dos movimentos sociais organizados. Verificamos este fato ao analisar as entrevistas com os familiares, visto que apenas dois pais terminaram o ensino médio; e apenas uma mãe estava, na época das entrevistas, cursando o 3º ano do ensino médio.

Quanto ao ensino fundamental, apenas 4 pais concluíram; em relação às mães, excluindo a mãe que estava concluindo o ensino médio, todas as outras mães não concluíram nem o ensino fundamental, 2 delas chegaram somente até a 3ª série. Interessante registrar que uma dessas mães que cursou até a 3ª série, que na realidade é a madrasta, a mãe já havia falecido há muito tempo, quando tinha 3 anos, tem contato diariamente com material escrito. Diz que gosta muito de ler romance e costuma ler com frequência, citou alguns autores e disse que este interesse começou desde pequena quando olhava as letras e não conseguia saber o que significavam; sempre quis voltar a estudar, mas nunca conseguiu; casou-se com o pai da aluna pesquisada, achou que conseguiria estudar, mas até hoje ainda não encontra tempo para os estudos. Conforme

Galvão (2001, p.83) “No entanto, a partir da aquisição dessas habilidades, o nível de escolarização dos sujeitos não se constitui mais, necessariamente, um fator fundamental para as suas experiências de letramento”. Percebe-se como um fator importante para o letramento, o cenário urbano, com suas inúmeras ofertas visuais, cartazes, letreiros de lojas, placas de trânsito e outros sinais gráficos, sempre à vista dos que passam.

O ambiente e as relações interpessoais, como salões de beleza ou salas de espera que sempre têm um cantinho com material de leitura, a igreja, as lojas, o lidar com documentos e papéis diários como contas, formulários, no caso das domésticas terem que deixar bilhetes para suas patroas, a escola, todos estes fatores contribuem para o letramento dos indivíduos. Efetivamente, os eventos de letramento caracterizam-se pelas práticas que levam pessoas a desenvolver relações diretas ou indiretas com outras, por vezes, detentoras de saberes e tecnologias novas, o que passa a ser um fator de enriquecimento cultural e de ampliação da visão de mundo, trazendo alterações de comportamento social, não necessariamente só voltados diretamente para a leitura ou a escrita.

Portanto, o simples registro escrito da língua, experimentado por decodificação de signos gráficos, pela habilidade do leitor ou simplesmente por ouvir a voz de alguém a realizar uma leitura, qualquer que seja a natureza do texto em questão, caracteriza um autêntico evento de letramento. É interessante observar a maneira entusiasmada com que alguns adultos não escolarizados encaram a alfabetização como um marco inicial na grande mudança de vida que esperam experimentar, ao poderem dominar a tecnologia da leitura e da escrita. E esse marco pode ser observado na mãe que veio da Paraíba. Em nenhuma das famílias pesquisadas adquirem-se livros e revistas pela compra; no caso dos jornais menciona-se o valor, sempre o mais barato e a possibilidade de ler a notícia na banca. Mesmo a aluna que parece ter mais contato com material escrito e demonstra gostar de ler diz “A maioria eu ganho, a maioria eu pego emprestado e acabo não devolvendo. Também, as pessoas não cobram, aí fica tudo lá em casa”. Segundo Petrucci (1999), a maior produção e a mais extensa circulação de livros e de periódicos se situam nos países ao mesmo tempo mais alfabetizados e economicamente mais fortes, e em particular em alguns países europeus de antiga tradição cultural, completa dizendo que nem todo leitor é comprador de livros, o alto preço dos livros é motivo pelo qual as pessoas não os compram. Verificamos que em nossa pesquisa, os jornais e as

revistas são os suportes mais próximos destes alunos, material que pode ser adquirido através da compra pelo fato de ser mais acessível ao grupo social estudado e mais atraente por trazer dados reais e atualizados.

Acrescenta-se a estes fatores o fato da banca disponibilizá-los no momento em que estão dispostos de forma que quem passa possa ler as informações. Um dos alunos comentou em determinado momento da entrevista que se quiser ler as notícias tem que ir à banca cedo antes que vendam os últimos jornais. Percebemos em nossas leituras e entrevistas com os pesquisados que formar leitores é função primordial nas primeiras séries do ensino fundamental e durante todo o percurso escolar. Faz-se necessário um trabalho contínuo de incentivo à leitura para que o aluno tenha acesso diariamente ao livro e a qualquer outro suporte textual. A escola não pode mais compartimentar a leitura, direcioná-la para uma matéria ou professor específico, a leitura pertence a todas as matérias e a todos os professores, e principalmente à família. Porém, não podemos esperar das famílias, núcleos complexos e heterogêneos, alunos como gostaríamos de receber. Precisamos, desde o início, ambientalizá-los no mundo da leitura, trabalhar o livro desde as séries iniciais. É necessário que a cada novo ano estes alunos descubram possibilidades de leituras e de novas descobertas, e ainda, que o professor internalize esta prática e esteja também imerso no mundo da leitura, que conheça, pelo menos dentro de sua área, leituras direcionadas para as idades de seus alunos.

Sabemos, entretanto, que as condições econômico-financeiras do professor no Brasil são precárias e que a função de mediador cultural é muitas vezes prejudicada pelo excesso de horas dedicadas ao trabalho em sala de aula. Porém é no trabalho com a leitura no ensino fundamental que se pode contribuir para a constituição de alunos leitores eficazes, críticos e agentes transformadores. A transformação do cenário educacional deficitário que existe atualmente deve ser deflagrada pelos próprios professores, como profissionais autônomos e agentes. Não podemos esperar, culpar ou responsabilizar, precisamos (re)agir como categoria responsável por uma das mais importantes agências de letramento. Portanto, independentemente da área, ensinar, também, os procedimentos de que o aluno precisa dispor para acessar os conteúdos da disciplina que estuda. Sabemos que o texto escrito é ainda nos dias de hoje, primordialmente aceito e utilizado como principal ferramenta para a construção do

conhecimento em sala de aula. Portanto, as maneiras como os professores concebem e abordam a leitura de tais textos influencia o ensino aprendizagem da sua disciplina.

Frigotto (2007) aponta para importância em se registrar esta inovação nos textos das propostas curriculares que não estão mais centrados no conhecimento do sistema da escrita e das suas normas ortográficas e sintáticas; mas sim, no desenvolvimento da leitura e da escrita, trazendo novas concepções teóricas que incluem a necessidade de compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seus efeitos nas práticas sociais de linguagem. Entretanto, conforme Frigotto (2007).

Palavras chaves: leitura – produção textual – mundo social.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Introdução e tradução do russo Paulo

Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4.ed.São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, N. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BATISTA, A. A. G. e GALVÃO, A. M. de O. Práticas de leitura, impressos e letramentos: uma introdução. In.- (orgs). Leitura: Práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.11-45.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas:SP: Papyrus, 2007.